



LABORATÓRIO DE CONVIVÊNCIA EM CAMPO
preâmbulos de *cambana*¹

LABORATORIO DE CONVIVENCIA EM CAMPO
preâmbulos de *cambana*

LABORATORY OF COEXISTENCE
preambles of *cambana*

Maicyra Teles Leão e Silva²

Resumo

O presente texto apresenta percursos na construção do conjunto de intervenções urbanas denominado *Cambana*, realizado a partir de pesquisa de campo acerca do convívio com comunidades Calóns (etnia cigana) no Recôncavo Baiano, entre 2010 e 2012. O convívio com essa comunidade se deu a partir de um impulso fotográfico-documental inicial e culminou numa delegação criativa que deu origem às intervenções. Nesse processo, o convívio entre pesquisadora e “pesquisado” destacou-se enquanto âmbito da investigação desafiando compreensões sobre alteridade, diferença, nomadismo e amizade. **Palavras-chave:** Cambana, Calóns, convívio, amizade.

Resumen

Este artículo presenta caminos en la construcción del conjunto de intervenciones urbanas llamados *Cambana*, realizado a partir de una investigación sobre lo convivio con comunidades Calóns (Roma) en el Reconcavo Baiano, entre 2010 y 2012. La asociación con esta comunidad empiezo com un impulso foto-documental y culminó con una delegación creativa que dio origine a las intervenciones. En este proceso, la interacción entre el investigador y "investigado" se destacó como parte de la investigación desafiando la comprensión acerca de la alteridad, la diferencia, el nomadismo y la amistad. **Palabras clave:** Cambana, Calóns, la convivencia, la amistad.

¹ Este texto não equivale exatamente ao conteúdo de minha participação/fala no Interfaces – Performance e Pedagogias: poéticas e políticas do corpo, mas é um recorte da proposição estético-vivencial que manifestei no evento.

² Doutora em Artes Cênicas, Professora do Núcleo de Teatro da Universidade Federal de Sergipe, coordenadora do Grupo de Pesquisa Arte, Diversidade e Contemporaneidade UFS/CNPq e pesquisadora do GIPE-CIT/UFBA.

Abstract

This text presents routes in the construction of the set of urban interventions called *Cambana*, based on field research about conviviality with Calóns communities (gypsy ethnicity) at Recôncavo Baiano, between 2010 and 2012. The conviviality with this community started with a photographic-documentary impulse and culminated in a creative delegation that gave rise to the interventions. In this process, the relationship between researcher and "researched" stood out as the scope of the research challenging understandings about alterity, difference, nomadism and friendship.

Keywords: Cambana, Calóns, conviviality, friendship.



Foto-colagem de Manuela Eichner

A epígrafe deste texto não poderia ser uma frase escrita. Afinal, entre eu e as minhas ciganas Calóns³, a palavra no papel nunca foi meio de interlocução. Ultrapassamos a nós mesmas por sobreposições de suores, olhares, cores, sotaques e, assim, nada mais justo do que uma imagem-colagem, a partir de fotografias que nos aproximaram, para iniciar nosso breviário de convívio.

³ Termo utilizado por estudiosos para designar a etnia cigana que chegou ao Brasil a partir da península Ibérica e que, juntamente com os Roms e Kalderash, formam os principais grupos ciganos do Brasil. Na linguagem dos grupos Calóns, com os quais convivi, essa palavra significa cigano.

A palavra *Cambana* é uma homenagem ao “português da língua cigana”, como eles a nomeiam para indicar: cabana, barraca, rancho; tenda na qual Calóns acampados habitam, sem divisórias ou portas. Assim, o laboratório criativo que tratarei aqui intitulou-se *Cambana*, como maneira de iluminar o elemento material símbolo de seu refúgio e provisoriedade, a “casa”.

Como evento artístico, *Cambana* concretizou-se como um arranjo de ações artísticas discutidas colaboratorialmente e criadas através de um processo de contar e mostrar imagens, estáticas e em movimento, oriundas da pesquisa de campo. Apresentou-se sob o formato de dez intervenções artísticas ocorridas simultaneamente nas feiras livres das cidades nas quais a pesquisa de campo margeou-se, tendo sido realizadas por um grupo misto de criadores, autodenominado de “bando”: fotógrafo, atriz, cenógrafo, bailarino, escritora, arquitetos, performers. As intervenções ocorreram em março de 2012, especificamente nas cidades de Cachoeira, Muritiba, São Felipe e Salvador, todas no estado da Bahia.

O laboratório de criação iniciou-se em julho de 2011, quando estruturei o formato de delegação criativa (BISHOP, 2012), convidando outros criadores a materializar obras a partir de meus relatos e registros documentais da pesquisa de campo. Esta última, por sua vez, teve início em outubro de 2010, quando eu e Márcio Lima, fotógrafo profissional, iniciamos aproximações para desenvolvimento de ensaio fotográfico acerca de comunidades Calóns na região do Recôncavo Baiano. A partir de então, seguimos todos os meses para determinadas localidades, quando passei a entender que aquele contato reverberava vestígios e rastros em minha vida, de forma a não poder mais me furtar ao convívio.

[Um mínimo de localização prévia]

“Vimos do Egito”⁴. De forma endógena, era assim que me indicavam a ancestralidade, dita num sotaque de difícil regionalização, misturado a palavras de uma língua própria, o *xibe*⁵, como chamam. Pouca precisão histórica e localizações dispersas amparavam a defendida

⁴ Apesar de divergências, grande parte dos pesquisadores indica que o povo cigano, em virtude de suas proximidades linguísticas, é proveniente do nordeste da Índia. No entanto, os Calóns com quem convivi se afirmam do Egito e desconhecem como seus ascendentes chegaram ao Brasil.

⁵ Das comunidades que percorri, todas falam a língua portuguesa, mas com um acento rítmico muito particular, talvez em virtude da conjunção com o *Xibe*, língua mantida principalmente pelos mais velhos. Maiores informações e uma catalogação de palavras com seus significados podem ser encontradas em MELO, 2005.

tradição cigana, registrada de forma genérica em livros de estudiosos, que contrastam com aquela grande maioria analfabeta.

Por outro lado, apesar do discurso pouco elaborado e muitas vezes contraditório, era a dinâmica de convivência que mais me inflamava o espírito: empréstimos, trocas, amarrações e arranjos efêmeros, babados, doirados, poucas divisórias e um alto índice de vizinhamento poroso circundava as condições hostis de saneamento e segurança.

Foram em entrecortados vinte meses que percorremos agrupamentos onde se revelavam primos, vós, tios e sobrinhos, desnudando-se a esperteza para com certos riscos e a ingenuidade para sutis descobertas, que geravam risos. Trocamos algumas fotografias e, aos poucos, um circuito mutante foi-se tracejando, literalmente às margens daquele Recôncavo dos sambas e capoeiras.

“Brasileiros”. É assim que chamam, em nossa língua, aos não ciganos. Mantêm-se em bando, em defesa e como sociedade, convivendo com a brasileira de forma nominalmente divorciada, apesar da mútua dependência. Afinal, consomem a cultura padrão, servindo também aos endividados e aos fetiches exotizantes.

No entanto, data de 1574⁶ o exílio do primeiro cigano para território brasileiro e, de 1718, o decreto de D. João V informando que o “aprouve banir para essa cidade [Salvador] vários ciganos”⁷ (TEIXEIRA, 2009, p. 30). Chegavam como degredados ou escondidos nas embarcações vindas do além-mar, tendo sido a Bahia uma das principais pontes de entrada no Brasil Colônia⁸.

Marginariamente e além da lenda, os Calóns rondavam a oficialidade da boa ordem cívica denunciando uma presença incômoda, rasteira, mas almejada enquanto oráculo pela alta classe umbandista. Pintados de ladrões, assassinos, sedutores dançarinos e místicos, assumiram

⁶ Dado extraído do registro de prisão do cigano João de Torres e sua esposa Angelina, no Reino de Portugal, exclusivamente porque eram ciganos. Ver em: COELHO, 1995. p. 199-200.

⁷ Mesmo antes desse período, documentos expedidos pelo Reino de Portugal indicavam, ainda no século XVII, o envio de ciganos com a missão de povoar a Capitania do Maranhão e lutar contra os índios daquela região.

⁸ O Rio de Janeiro também se destacava e vários ciganos instalaram-se na capital vendendo escravos de segunda mão, trabalhando como “meirinhos” (semelhante ao atual “oficial de justiça”), dentre outras funções e serviços.

folcloricamente esses extremos de suas diferenças, que também os serviram como estratégia de sobrevivência.

“Ciganos brasileiros”. Assim se apresentam esses velhos baianos, músicos que tocam, cantam e dançam...arrocha⁹. Que assistem à novela das oito, repleta de mulheres que têm cabelos curtos e vestem calças e minissaias, mas se dedicam aos quase um metro e vinte de cabelos e três metros de tecido para a confecção dos vestidos. Que moram em barracas, acampados, sem portas e sob/sobre o sereno, e que apesar de almejavam o conforto da casa, como alguns de seus parentes e iguais já adotaram, insistem na provisoriidade do habitar. Que navegam e negociam carros e motos e comunicam missivas pelo celular.

“Baianos”. Por outro lado, apesar de ícones do nomadismo e frequentemente mudarem-se para outros municípios da região, nunca foram além de um raio aproximado de 300 km, esses Calóns do Recôncavo. Pelo menos, não neste século. Estão ligados por uma herança sem verbos inscritos e circulam por uma rota previamente reconhecida, para que a recepção e a partida sejam suavizadas. Portanto, estiveram sempre, de um modo ou de outro, por ali, mesmo que invisíveis aos olhos vestidos.



Figura 1: Imagens de barracas nos acampamentos percorridos durante a pesquisa de campo.¹⁰

[Rastros do convívio como Assumira]

Nunca a história compreendeu o nomadismo. (Gilles Deleuze)

⁹ Estilo musical bastante popular no nordeste brasileiro, tendo dentre seus ícones cantores ciganos como Tayrone, Silvano Salles, Vanoli, Maciel Cigano, dentre outros.

¹⁰ Crédito de todas as imagens: Márcio Lima.

A partir de outubro de 2010, acompanhada e acompanhante de um fotógrafo fotodocumentarista, Márcio Lima¹¹, também acariciado pelo princípio nômade, iniciamos uma série de incursões a comunidades ciganas, no interior do estado da Bahia. Até então, o ato ingênuo tinha como objetivo registrar visualmente a forma de habitação simbólica dessas comunidades, tidas como nômade, mas cada vez mais sedentarizadas, em parte, já habitante de casas de alvenaria.



Figura 2: Barraca Calón, em Santo Estevão – BA.



Figura 3: Barraca ao anoitecer, em Muritiba-BA.

Por que ato ingênuo? Fico me perguntando qual foi a premissa inicial que me fez enxergar essa possibilidade a priori. Como fomos parar ali? Como afirma Luigi Pareyson, a “eleição é um discernimento que já pressagia o feliz resultado para julgar a prova, já presente a realização quando o processo ainda está em curso, já vislumbra a conclusão para consolidar o já feito” (1993, p. 74). Ou seja, apesar de uma relação no começo ainda desprovida de um objetivo criativo, de minha parte, o germe do convívio já se apontava como determinante nesse processo de aproximação, como é possível verificar também no tratamento retratual dados às fotografias iniciais e a diluição da pose no decorrer do envolvimento.

¹¹ Mais fotos referentes a essa primeira etapa de convivência podem ser visualizadas no site www.arcapress.org/opovocigano, referente ao trabalho de Márcio Lima e o Prêmio Marc Ferrez de Fotografia – FUNARTE, 2010.

Conforme mais adentrávamos, evidenciava-se a curiosidade e a vontade em querer compreender minha conficção¹² com aquelas comunidades na construção de uma alteridade, estabelecida a partir de um princípio de jogo, onde “é necessário, antes de mais nada, saber colocando-se no lugar daquilo que observa” (MAFFESOLI, 1998, p. 124).



Figura 4: Retrato de casal dentro de sua barraca



Figura 5: Adolescente com primo no braço

Sabendo que se tratava de uma organização social fechada¹³ e restrita aos seus próprios, com pouca comunicabilidade com brasileiros, como nos chamam, o primeiro contato foi de grande suspeita: quem éramos nós e porque buscávamos a eles?

Da parte brasileira, ouvia dizer que cigano é desconfiado. Da parte cigana, ouvia dizer que cigano é medroso. Tudo para concluir que “eu não estava no coração deles e eles não estavam no meu”. Sendo assim não tínhamos nada em comum que garantisse a confiança no trato. Com a delicadeza de alguns sorrisos, mesmo sob suspeita, fui aos poucos “abrindo” as portas de algumas casas e me misturando àqueles vestidos coloridos e crianças ávidas. Concomitantemente, em meio às pesquisas bibliográficas, descobri que o Brasil está grávido de uma nação cigana e ao mesmo tempo as comunidades ciganas carregam sobre suas cabeças a sociedade brasileira. Suas barracas, apesar da marginalidade em que vivem, marginalidade no

¹² O termo conficção não possui nenhuma vinculação conceitual específica, mas se trata de um termo conjugado, onde o prefixo “con-” remete a “em comum” ou “em conjunto”. Assim, conficção quer dizer construir uma ficção conjuntamente.

¹³ Evitarei incluir os nomes de cada um visto nos retratos, para preservá-los, mesmo que meu impulso seja mais íntimo e queira citá-los pelos nomes.

sentido de periferia do funcionamento maquínico da sociedade, estão cobertas por lonas das mais variadas empresas multinacionais. Não há antropofagia poética que suporte o slogan da Toyota, dos Piratas do Caribe, da Nova Schin ou da Shell V-Power lhes cobrindo o teto onde habitam, protegendo do calor do sol ao meio dia.



Figuras 6 e 7: Ao fundo, lonas reaproveitadas com temas comerciais

Estima-se que, no Brasil, exista em torno de um milhão de pessoas ciganas. A precisão é dificultada pela falta de registro civil e também pela impermanência do estilo de vida. É difícil contabilizar o que se desloca.

Evitamos conviver com ciganos. Lembro-me (e a memória da infância é a casa onírica saudosística evocada às quatro direções por Bachelard, onde se repousa sobre o passado) de avistar ciganos nas redondezas, mas ser claramente orientada a não me aproximar e a não me relacionar. Trapaça e destino foram os substantivos que registrei sobre esses povos, mas ainda assim era uma imagem velada, laçada por uma tarja. E não fazendo parte dessa minha vida cotidiana, as imagens se perderam nesse campo imaginário poroso e sem dono. E talvez por isso perambulava, vagabunda imagem, em mim.

Seria incapaz de debulhar, nessas curtas páginas, a experiência do contato que transformou essa imagem vagabunda em imagem afetiva, construindo uma conficção de mim. Mesmo tentando verdadeirar o testemunho convivial sou incapaz de defendê-lo. Demagoga que sou. Pois:

Em toda palavra estão penduradas mil mentiras (escreveu Dieter Roos). O testemunho de mim é confiável – eu ponho em risco minha reputação de mim mesmo para defendê-la. E só pode testemunhar quem pode inventar. Mas ainda assim, eu testemunho. Em cada mentira estão penduradas mil verdades (continua Dieter Roos). (BENSUSAN, 2013, s/p)

De fato, do que dizem sobre os ciganos, pouco é mentira e pouco é verdade. Enquanto dado social, o que me serve apresentar nesse momento é que em todas as casas há baús. Em cada um deles, pertences de uma pessoa e, todos eles, jamais ficam à mostra. Estão todos cobertos, resguardados pelo mistério necessário ao fugidio do imperativo da ordem voraz. São misteriosas adolescências.

Enquanto experiência em mim mesma, me surpreendi pela exigência que aquele ato ingênuo inicial, de curiosidade pelo outro, desconhecido e par, me acarretou. Como pude imaginar que sairia impune?

Para garantir suportar o forte impacto da alteridade que me propus acariciar, o método que utilizei foi o de osmose afetiva. Porque sei que quando algo reverbera em nós, escapa, sem pedir licença. Talvez seja interessante realçar o escape momentâneo citando Maffesoli sob o meu discurso, quando ele propõe que essa osmose afetiva “melhor percebe a vivência social e a complexidade da vida cotidiana” (MAFFESOLI, 1998, p.138). Essa é a técnica que vislumbra o instante como real fluxo de uma razão sensível (MAFFESOLI, 1998) onde não apenas objeto se faz parte observante e protagonista, mas o próprio sujeito se reverte em segunda existência (LYOTARD, 1996), na qual o silêncio penetra os canais vazios e o faz ensurdecer.

Sob os efeitos permanentes dessa segunda existência que se estabeleceu conjunta, sinto como é melancólico entrar em contato com esse imaginário. Melancólico, “pois supre a realidade” (idem, p. 97). Depois de cada estadia nessas localidades, eu sonhava por pelo menos três noites com aquelas pessoas, e os sotaques de uma língua estrangeira rebatiam em mim de forma estridente.

Durante os dias seguintes às imersões de convívio (essas idas e vindas aos acampamentos), já em minha casa, na capital, me utilizava por vezes de um aparelho móvel, celular, para viabilizar o contato à distância, reativando a lembrança do sotaque. No

acampamento, esses pequenos aparelhos, além de moeda corrente, já que também são fonte de negociação financeira, ficavam agarrados aos peitos, presos aos vestidos na altura dos seios, e considerando que em sua grande maioria são analfabetos e não possuem endereço, nem geográfico nem eletrônico, é através da oralidade que se comunicam com parentes de outros acampamentos. No entanto, os números de contato são muito variáveis e nômades...

São de uma escapatória tão escorregadia que só pude compreendê-la quando me deparei com o acampamento vazio. Tinha ido a Muritiba há quinze dias antes e em nenhum momento me havia sido mencionada a possibilidade de mudança de local, apesar de intimidade já evidente. Ali, naquela cidade, tinha estabelecido os dois principais contatos afetivos com os Calóns, Sielma e Criola. As mulheres, mães, de mesma idade que eu, com as quais me divertia em nossas (in)diferenças.



Figura 8: Vestígios de barraca retiradas, em acampamento vazio

A sensação foi de desolação. Como rastro, existia apenas a grama queimada com a marca das barracas, as quais eu bem conhecia cada localização, e restos de brinquedos, embalagens e utensílios domésticos. Como perseguir um percurso? Os números de celulares já não existiam ou pertenciam a brasileiros. Para onde foram? Martelava em minha mente o discurso de Deleuze e Guattari acerca da desterritorialização.

Em primeiro lugar, o próprio território é inseparável de vetores de desterritorialização que o agitam por dentro: seja porque a territorialidade é flexível e “marginal”, isto é, itinerante, seja porque o próprio agenciamento territorial se abre para outros tipos de agenciamentos que o arrastam. Em segundo lugar, a desterritorialização, por sua vez, é inseparável de reterritorializações correlativas. (1997, p. 227)

Era mais poético ler sobre a desterritorialização do que propriamente vivenciá-la de forma concreta e crua. Por outro lado, o discurso movia-me a buscar essa outra reterritorialização. A vizinhança, embora apartada, tinha notícias e possibilidades de destinos para aquelas famílias, já que alguns poucos brasileiros mantinham negociações de serviço com eles, como a manicure. Assim, uma pista: uma cidade chamada São Felipe.

O reencontro foi arrebatador. Criola derramava lágrimas e logo me pediu que tocasse seu coração, dizendo: “Achei que nunca mais iria te ver”. Aquilo me sustentou o peito e firmou a garantia que me faltava. Havia legitimidade em minha presença entre eles.

Retomamos o convívio, entre imersões e agora pernoites já mais frequentes, onde a relação com a cama (ou com o colchão no chão), com o amanhecer, com o banheiro, com o alimento a ser preparado começavam a se rascunhar como cotidiano também meu.

Demorei meses de contato com esse povo para discernir onde queria chegar ou mesmo o que faria daquela colaboração equânime. Achava que não havia me dedicado suficientemente à contemplação (MAFFESOLI, 1998) necessária ao espaço do repouso para “sonhar em paz” (BACHELARD, 1989, p 26), já que para sonhar, é necessário repousar para advir o devaneio. Mas de fato, a experiência do convívio se apresentou tão potente que me sentia incapaz em querer revelá-la porque estaria sempre aquém da convivência. Talvez por isso a opção pelo formato de delegação que adotei em *Cambana*: porque de minha parte, diretamente, seria incapaz de eleger sem passionalidade.

Lancei para eles a proposta de realização de um trabalho artístico¹⁴, informando a possibilidade aberta de participações diretas deles e a realização, possivelmente, de cenas na

¹⁴ Sempre me preocupei com o tipo de linguagem utilizada, pois sabia que a grande maioria deles nunca ouviu falar ou utilizou o termo Arte ou Teatro, muito menos Intervenção Urbana. Esse aspecto cognitivo me foi bastante marcante quando, num dia descontraído, desenhei uma cadeira num papel e as crianças e adultos ao redor se espantaram, pois estavam visualizando uma cadeira que acabara de ser “feita”, coisa que para eles só existia no

feira da cidade, já que a feira era o local onde se encontravam, com as devidas permissões, ciganos e brasileiros. Assim, *Cambana* queria se colocar ali, na margem, mas de onde era possível conviver sociografias.

A aceitação da proposta foi unânime. Mas ao mesmo tempo pareciam não entender muito bem. Diziam sim, como quem confia e aceita, mas não sabiam muito bem ao quê. Tecu, no decorrer do tempo, algumas articulações necessárias, também por meio de imagens e vídeos, já que quase todos possuem televisão e aparelho de reprodução de DVD, no entanto, a presença direta deles na ação, parecia inviável. Não queriam se expor diretamente na feira e frente aos brasileiros. Preferiam mesmo estar à margem, apesar de desejarem a visibilidade que eu estava propondo com *Cambana*. “Grava um vídeo ou tira foto”. Era assim que queriam ser vistos, por vergonha ou pelo risco real da exposição, pois as relações, principalmente masculinas, envolviam em alguns casos desafetos. Aceitei, mas não sem insistir.

Aproveitando que o marido de Sielma era cantor “nas horas vagas”, sugeri que ele cantasse nos dias de intervenção. Ele vaidosamente aceitou e já começou a articular seu trio de músicos. Esteve bastante entusiasmado com a ideia, mas num dado momento me relatou que não poderia mais participar porque teve que vender o violão. Ofereci a ele um novo violão, para que sustentasse a ideia, e nos comprometemos a nos reencontrar em quinze dias para estudar o repertório. Conforme combinado, lá estava eu, mas não mais o segundo violão. Renê havia alegado que tinha emprestado o instrumento e dali em diante eu sabia que não mais poderia contar. Acostumei-me com a escapatória.

universo palpável. A partir daí, assumi comigo mesma o compromisso de, a toda imersão de convivência, contar histórias dramatizadas às crianças, que se divertiam e queriam sempre mais.



Figura 9: Eu e ciganas Calóns coletando água pública, em dias de imersão

Ali eu já era Assumira. Nome/apelido ofertado a mim, já que a maioria ali é chamada não por nome de batismo, mas apelidos, também escorregadios. Testemunhei a mudança da cor de minha pele, envernizada pela água não encanada, transportada diariamente, em contato com o sol rachante. Aquelas mulheres de etnia Calón, dos vestidos coloridos, que andam em bando, com cabelos longos sustentados por pentes emborcados, sustentam a lida básica diária apartada dos afazeres masculinos de negociação e agiotagem. Conviver cigana era também me entender mulher, brasileira, com lata d'água na cabeça.

[A Distribuição da Criação]

Tudo que não invento é falso. (Manoel de Barros)

Para quem me circundava, os efeitos da convivência eram notáveis em meu comportamento, ao ponto de eu não querer elaborar discurso ou obra artística sobre ela. Por um tempo, me identificava com a personagem Fred Murdock, de Jorge Luís Borges (1969). Ao mesmo tempo, a experiência convocava a um compartilhamento dela enquanto experiência poética que me soava injusto não corresponder a ele, pois “até mesmo uma experiência simples, se for uma experiência autêntica, é mais adequada para dar uma pista à natureza intrínseca da experiência estética do que um objeto já colocado à parte de qualquer outro modo de

experiência” (DEWEY apud TURNER, 2005, p.178). Nesse sentido, compartilhar a experiência, mesmo que não fosse diretamente em campo, mas sim por meio dos efeitos de meu próprio atravessamento, me soava uma possibilidade de estimular rotas alheias de reações.

Decidi, então, buscar essas rotas estimulando caminhos para chegar ao “segredo”. Primeiramente, convidei uma videoartista, Manuela Eichner, para que junto comigo e Márcio realizássemos uma imersão de cinco dias consecutivos no acampamento de São Felipe, para que pudéssemos gerar material documental para a fase que se seguiria. Realizada a imersão, passamos por um longo processo de edição e seleção conjunta de material, até produzirmos um vídeo-arte-documental de aproximadamente 22min.

Na sequência, convoquei um grupo de amigos de especialidades diversificadas, que faziam parte de meu círculo de convivência diária e, portanto, estavam familiarizados com a experiência tornada visível em meu próprio corpo e comportamento, com a intenção de iniciar encontros de criação. Nesses encontros compartilharia histórias, relatos, e materiais documentais (fotos, vídeos e áudios) sobre a convivência com os Calóns, além de recursos complementares (livros, artigos, vídeos) de pesquisa sobre o assunto, para que encontrassem o seu próprio caminho de busca.

Além desse grupo, com o interesse de estabelecer um contraponto de estrangeirice ao processo criativo, já que foi assim, como alteridade, que me dispus ao convívio, convidei outra equipe, argentina, que viria a Salvador, local onde realizávamos esses encontros. Numa primeira fase, esse contato entre mim e os criadores argentinos ocorria apenas via reuniões em teleconferência e, um mês antes da execução de fato das ações, esses últimos se juntaram aos demais.

Durantes esses encontros e reuniões, minha intenção como arranjadora desses agrupamentos era oferecer material e estimular uma convivência imaginada, através de relatos, observações, comentários e invenções, sem pretensão de apreensão exata sobre o universo cigano. Para isso, alguns elementos e pontos de incômodos foram expostos para servir como ponto de partida para a criação, diante do que se reverberaria na particularidade de cada criador. Não sendo relevante por ora abordá-los, vale mencionar que alguns desses pontos reaparecem de

forma evidente nas intervenções realizadas no evento, enquanto outros não encontraram reverberação.

Ainda, já entendendo a criação direcionada para um tipo de local específico (próximo à ideia de um *site specific*), no caso feiras a céu aberto, as intervenções voltaram-se também à sobreposição da referência visual e dinâmica funcional das feiras, em contraste com a própria organização cotidiana dos acampamentos Calóns. Assim, barracas que se montam e desmontam, gambiarras, engates e desengates e aderências a esse espaço foram quesitos requeridos para a criação, já que o sentido de itinerância permeia ambos os contextos e, conseqüentemente também o evento.



Figura 10: Imagem geral da feira de Cachoeira-BA.

De toda sorte, cinco princípios regeram a criação: a provisoriedade entendida como integrante da construção de suas rotas, demarcadas por estadias temporárias; a presença marcante de arranjos e amarrações; o aproveitamento da estrutura existente nos locais de habitação; a observação das relações de estranhamento e afinidade no confronto de alteridades; a amizade a partir do convívio.

Este último, gostaria de adentrar como gatilho da proposta poética em torno da convivência em campo.

[a Amizade]

Em *Cambana*, a amizade se destacou como motivação relevante. Apesar de poder soar como uma atitude de mera facilitação ou amadorismo trabalhar com amigos, de fato, há uma potência disruptiva nessa escolha. Talvez, do ponto de vista da exigência profissional, a relação de amizade pode comprometer certas reivindicações, mas, por outro lado, o engajamento é favorecido pela cumplicidade imanente da comunidade provisória formada, já que está implícita a acolhida do outro enquanto outro. Como elucidada Agambem:

Os amigos não *condividem* algo (um nascimento, uma lei, um lugar, um gosto): eles são *com-divididos* pela experiência da amizade. A amizade é a *condivisão* que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida. E é essa partilha sem objeto, esse *com-sentir* originário que constitui a política. (2009, p. 92)

Nesse sentido, a reunião em torno das relações de amizades embute um compartilhamento favorecido pela *condivisão* da vida. Para além do sentido de fraternidade, que implica uma busca por fusão, incorporação e aceitação na prerrogativa de partilha, a amizade respeita a condição da pluralidade e busca uma estimulação recíproca, que não quer dizer necessariamente transparência na comunicação ou verdade de informação. Como afirma Michel Foucault, um dos pensadores que a partir de 1970 fez florescer o discurso político da amizade¹⁵, neste caso citado através do discurso de Francisco Ortega:

A amizade representa uma relação com o outro que não tem a forma, nem de unanimidade consensual nem de violência direta. Trata-se de uma relação agonística, oposta a um antagonismo essencial, uma “relação que é ao mesmo tempo incitação recíproca e luta, tratando-se não tanto de uma oposição frente a frente quanto de uma provocação permanente”. (FOUCAULT apud ORTEGA, 2009, p. 88)

¹⁵ Além dele, destacam-se ainda Jacques Derrida, Hanna Arendt e Giorgio Agambem.

A partir disso, sua repercussão como atitude política instala-se em sua proposição como alternativa às formas de relacionamento prescritas e institucionalizadas, como a família ou o matrimônio, por exemplo.

Considerando o convívio cigano, ainda, essas relações de amizade misturam-se à de parentesco numa dissolução da cadeia de nivelamento estratificado, o que dificulta uma localização hierárquica interna ao grupo. Essa dificuldade torna-se então o artifício facilitador do escape e da atitude escorregadia, de difícil apreensão. É comum, então, recorrentemente encontrarmos o termo Bando, sendo utilizado para localizar agrupamentos ciganos, formados de maneira mista entre familiares amigos.

Da mesma forma, a equipe de criação de *Cambana*, formada por mim, Márcio Lima, Manuela Eichner, Clara Pignaton, Carolina Fonseca, Laura Castro, Tiago Ribeiro, Clara Pássaro, Marcos Nunez, Valéria Cotaimich, Carlos Enrique Alvarez e Karina Juric, se autoconvocava como um Bando ou, numa associação direta com o nome do projeto, como uma “Cambada”. Retomando Hankim Bey, acerca da formação de Zonas Autônomas Temporárias:

O bando é aberto - não para todos, é claro, mas para um grupo que divide afinidades, os iniciados que juram sobre um laço de amor. O bando não pertence a uma hierarquia maior, ele é parte de um padrão horizontalizado de costumes, parentescos, contratos e alianças, afinidades espirituais, etc. (BEY, 2001, p. 9)

Apesar da insistência e a aparente homogeneidade implícita na noção de bando, como afinidades que não se discordam, a ambivalência dos contrastes e confrontos mantém-se como dinâmica interna do conjunto. Em *Cambana*, a equipe argentina, por exemplo, descontextualizada da convivência já estabelecida previamente pela equipe sotero-forasteira¹⁶, aderiu ao bando, mas mantendo sempre seu contraponto demarcador do distanciamento necessário. Esse distanciamento, que gerava incômodo, mas ao mesmo tempo rearranjos internos ao grupo, era favorável, portanto, à manutenção de diferenças e momentos de individuação, como já pregava Barthes (2003).

¹⁶ Refiro-me aqui à equipe formada pelos integrantes que moram em Salvador, já afetivamente instalados na cidade, mas que são oriundos de outras localidades e que resguardam ainda um aspecto de estrangeirismo em relação à própria cidade.

Dessa forma, “a amizade supera a tensão existente entre o indivíduo e sociedade mediante a criação de um espaço intersticial (uma subjetivação coletiva), passível de considerar tanto necessidades individuais quanto objetivos coletivos e de sublinhar sua interação” (ORTEGA, 2000, p. 91). Essa interação intersticial ocorria na própria configuração do Bando, já que não havia um espelhamento nas relações, mas uma defrontação, da mesma forma em que servia como filtro articulador entre o grupo e sua rede externa de relações.

[*Cambana*]

Cambana aconteceu e não irei aqui apresentar o evento. Não citarei sequer uma das intervenções. Escaparei à honra da coerência. É preciso lidar com os rastros de um acampamento vazio. Quando o que me interessa, foi como eu cheguei ali ¹⁷.

*

Assumir o convívio como poética indica deslocá-lo de sua ocorrência imanente e disponibilizá-lo como laboratório de criação. A dinâmica relacional e de troca foi disposta como procedimento base da constituição artística, favorecendo des e reterritorializações dos sujeitos-criadores diante da alteridade que se revelou. Nesses ajustes de localização, a interferência foi regida não apenas pelas subjetividades em mutualidade, mas por situações contextuais demarcadas por uma espacialidade contingencial, e também por uma durabilidade prevista na ocorrência.

Dessa forma, acentuam-se as ocorrências de artistas que optam por estar em convívio criativo e mesmo, mais diretamente, utilizar pessoas e suas manifestações de compartilhamento por vários motivos, dentre eles ainda: desafiar o critério artístico tradicional reconfigurando ações cotidianas como material artístico; dar visibilidade a certas constituições sociais, demonstrando suas complexidades internas; apresentar efeitos poéticos ao acaso e ao risco;

¹⁷ Aos ávidos: www.cambana.wordpress.com

problematizar oposições entre o processo de condução criativa e o evento em si; além de examinar dinâmicas alternativas que lidam com a autonomia privada e a confluência coletiva.

No que diz respeito à função autoral da obra, a concepção central e de condução assumem o local da propriedade, não mais como espaço de exclusivo de coerência identitária, mas como agenciamento de fontes e recursos humanos criativos. Assim, o compartilhamento pode ser encarado como um convite ao estar junto e, ao mesmo tempo em que sugere a participação conjunta, busca resguardar o distanciamento do si, como tentativa idiorrítmica (BARTHES, 2003), já que não há uma dissolução da função guia em virtude de uma horizontalidade supostamente uniforme.

Por outro lado, ao estabelecer essa conexão convivial, o material documental produzido passa a ser entendido não exatamente como registro de processo, mas como parte integrante e derivada do mesmo já que na própria condição de efemeridade do projeto se reconhece a necessidade de sua derivação, para maior durabilidade. Assim, há uma mescla entre o dado real ou a evidência de convívio e a construção ficcional e inventiva dele, sem uma preocupação exata com a veracidade a termo. Nesse sentido, “não sabemos mais o que é imaginário ou real, físico ou mental na situação, não que sejam confundidos, mas porque não é preciso saber, nem mesmo há lugar para a pergunta” (DELEUZE, 2007, p. 16). Do ponto de vista do espectador do evento, esse material documental reforça um local de compartilhamento gerando cumplicidade para com o projeto.



Figura 11: Eu e Criola dançando arrocha no casamento de sua filha

Entre mulher cigana e brasileira, nos encontramos numa “partilha de subjetividades, que só é possível quando duas pessoas podem reconhecer o mesmo impossível” (BARTHES apud PHELAN, 1997, p. 175). Ser a brasileira vestida de cigana, manifestou-se num atravessamento de nossas tradições que confundiu o lugar estável entre poder ou não ser um Outro.

Poetizar o convívio, portanto, valoriza a experiência do estar junto e reafirma a coligação entre a produção artística e a dimensão vivencial humana, estabelecendo pontos de contato transversais entre esferas do cotidiano, particular e coletivo, e habilidades e interesses poéticos específicos.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Santa Catarina: Argos, 2009. Disponível em: <<http://www.egs.edu/faculty/giorgio-agamben/articles/o-que-e-um-dispositivo/>>. Acesso em 30/10/2013.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BARTHES, Roland. **Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENSUSAN, Hilan. **Confissão – teses sobre a demagogia de si**. Notas de palestra, 2013. Disponível em: <<http://bucalumbrello.blogspot.com.br/2013/11/conficcao-teses-sobre-demagogia-de-si.html>> Acesso em 18/11/13.
- BEY, Hakim. **T.A.Z – Zona Autônoma Temporária**. São Paulo: Coleção Bardena, 2001. Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/4a_aula/Hakim_Bey_TAZ.pdf> Acesso em 30/05/2014.
- BISHOP, Claire. **Artificial Hells – Participatory art and the politics of spectatorship**. London/New York: Verso, 2012.
- BORGES, Jorge Luís. El etnógrafo. In: **Elogio de la sombra**. Buenos Aires: Emecé, 1969. Disponível em: <<http://cdn.pijamasurf.com/wp-content/uploads/2013/03/1969-Elogio-De-La-Sombra-Poes%C3%ADa.pdf>> Acesso em 16/07/2014.
- COELHO, Francisco Adolfo. **Os ciganos de Portugal: com um estudo sobre o calão**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. **Cinema II: A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- LYOTARD, François. **Moralidades Pós-modernas**. Campinas: Papyrus, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MELO, Fábio J. Dantas de. **Os ciganos Calón de Mambáí – A sobrevivência de sua língua**. Brasília: Thesaurus, 2005.
- ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade – Arendt, Derrida, Foucault**. Rio de Janeiro: Sinergia: Relume Dumará, 2009.
- PAREYSON, Luigi. **Estética - Teoria da Formatividade**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- PHELAN, Peggy. A ontologia da performance: representação sem reprodução. **Revista de**

Comunicação e Linguagens. Lisboa: Edição Cosmos, n. 24, p.171-191, 1997.
TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **Ciganos no Brasil:** uma breve história. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

TURNER, Victor. Dewey, Dilthey e drama: um ensaio em antropologia da experiência. **Revista Cadernos de Campo**, n. 13. São Paulo, 2005, p.177-185. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50265/54378>.> Acesso em: 23/05/2014.



Recebido em 03/12/2016
Aprovado em 10/12/2016
Publicado em 10/03/2017